

O compromisso de cada um

O coronel João Ferreira (PSC) abriu o primeiro bloco apresentando-se como o candidato não-político, que “não faz promessas absurdas”.

Garantiu que tem competência para resolver os problemas básicos da população - alimentação, transporte e trabalho - e reafirmou sua crença na vitória, “porque o povo está cansado dos políticos tradicionais, que faliram o Brasil”.

Inteligente - Paulo Timm (PDT) lembrou que foi, ao lado de Leonel Brizola, um dos fundadores do PDT, em Lisboa, e prometeu lutar para que Brasília “volte a ser uma cidade inteligente”.

“Meu compromisso é fazer com que a cidade retorne às águas da História, depois de desviada pelos governos militares”, disse.

Convocação - A candidata da coligação Brasília de Mãos Dadas (PSDB, PPR, PMN), Maria de Lourdes Abadia, convocou os eleitores a votar “naquele ou naquela capaz de direcionar Brasília para o futuro”. Ela lembrou que “a cidade se descaracteriza a cada dia” e garantiu ter um projeto econômico-social para solucionar os problemas do DF. “Espero ir para o segundo turno”, disse.

Mineirice - Ildeu Araújo (Prona) observou que “vida de candidato é difícil”, e lamentou não dispor de dinheiro para a campanha. “Vou

defender a população como defendendo os clientes no meu escritório”, prometeu.

Ildeu lembrou suas origens mineiras para se comparar ao ex-presidente Juscelino Kubitschek: “O doutor Eneas me chamou para reconstruir a cidade construída pelo nosso maior estadista, mineiro como eu.”

Mudança - O candidato da Frente Brasília Popular (PT-PPS-PSB-PCB-PCdoB-PSTU), Cristovam Buarque, lembrou que tinha em comum com os demais “a consciência de que o País vive uma encruzilhada e precisa viver uma grande mudança”.

Ele defendeu “a ruptura com o passado”, prometeu priorizar as necessidades do trabalhador e lembrou: “Toda minha vida me dediquei a estudar e pesquisar”.

Experiência - Já o candidato da coligação Frente Progressista (PTB-PP-PFL-PMDB-PRN-PV-PL-PRP), apoiado pelo governo, disse que disputa as eleições “graças à experiência administrativa” e afirmou: “Todas as minhas funções no governo, cumpri com honestidade.”

Ele prometeu colocar em ação um plano de governo “de baixo para cima”, com um programa para beneficiar populações de baixa renda, “à semelhança do programa de Fernando Henrique”.



Antes do debate, Abadia, Cristovam e Valmir trocaram cumprimentos e sorrisos. Depois, cada um procurou derrubar o outro



O debate, promovido pela Radiobrás e Sindicato dos Jornalistas, reuniu os seis candidatos ao Governo do Distrito Federal e foi marcado por um tom de discurso político

QUARTO BLOCO

Construção do metrô é questionada

No quarto bloco do debate, os candidatos fizeram perguntas entre si, de acordo com sequência sorteada na hora. Cada candidato teve um minuto para perguntar e dois para responder.

A primeira pergunta coube a Cristovam Buarque, dirigida a João Ferreira. Cristovam bateu na tecla das contas do Metrô.

“Vou fazer uma auditoria, e se houver irregularidades, a rapaziada do Metrô vai para a cadeia”, garantiu Ferreira. Ele prometeu que não sacrificaria a educação e a saúde para dar prosseguimento às obras do Metrô.

Cristovam apoiou a resposta do adversário.

VIOLENCIA

Ideu Araújo perguntou a Paulo Timm o que ele considerava a causa da marginalidade crescente no DF.

“A violência instalou-se no País em 31 de março de 1964”, respondeu Timm, referindo-se ao golpe militar. Ele voltou a insistir que o Plano Real dará continuidade à violên-

cia, e afirmou que “violência se termina com educação”.

“Vou desmilitarizar a polícia”, prometeu. “Colocar 20 mil agentes nas ruas, mas não militares.”

ÁREAS RURAIS

Valmir Campelo perguntou a Maria Abadia que solução ela daria para o problema das áreas rurais carentes do DF, como a comunidade de Almécegas, na zona rural de Brasília.

Abadia mostrou conhecer a comunidade, que segundo ela “é muito produtiva” e reclama transporte, estradas vicinais, melhores condições para comercializar os produtos locais, basicamente hortigranjeiros, e armazéns.

Valmir acrescentou a necessidade de prosseguimento do projeto de eletrificação rural para Almécegas e outras regiões.

HISTÓRIA

Paulo Timm tentou colocar em teste os conhecimentos de Cristovam com uma pergunta sobre Histó-

ria. “Você conhece a luta do povo brasileiro em Palmares, na Inconfidência Mineira e na Revolução de 1930?”, perguntou.

Cristovam pegou o mote e preferiu abordar as mudanças sociais que considera necessárias. Defendeu a redefinição de prioridades e a destinação de recursos para educação e saúde.

METRÔ

Na pergunta dirigida a Valmir Campelo, o Metrô voltou a ser o assunto. Abadia lembrou que a obra não foi concluída no prazo previsto, e indagou se o candidato do governo tinha conhecimento dos custos de um novo trecho, que ele promete construir, e de onde deverá vir o dinheiro.

Valmir prometeu rolar a dívida e fazer os empréstimos necessários para cumprir sua promessa de levar a linha do metrô até Gama, Santa Maria e Recanto das Emas. Segundo ele, o Metrô de Brasília é o mais barato do mundo, com custo de US\$ 17 milhões por quilômetro.

QUINTO BLOCO

População apresenta os problemas

No quinto bloco do debate os candidatos tiveram de responder a perguntas da população do DF, enviadas por cartas à produção do programa. Foi sorteada uma carta para cada candidato, que teve dois minutos para a resposta.

O coronel João Ferreira, do PSC, começou respondendo sobre como pretende enfrentar o problema da vadiagem de menores em Brasília, muitas vezes respaldada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

João Ferreira adiantou que as crianças em seu governo não ficarão nas ruas e sim nas escolas de cursos profissionalizantes que pretende criar no DF. “Lugar de criança é na escola”, declarou.

RACISMO

Paulo Timm, do PDT, respondeu a uma eleitora que desejava saber como o candidato pretende tratar o racismo e o desemprego.

Ele respondeu que a sociedade precisa romper com esse elo de reprodução de miséria, que discrimina não apenas o negro, mas o cidadão pobre.

Segundo Timm, a modernização racista afasta o povo dos frutos do

desenvolvimento. “Vou trazer o povo negro para participar do processo de desenvolvimento”, prometeu.

LOTES

A candidata Maria de Lourdes Abadia, do PSDB, foi perguntada se daria continuidade ao projeto de doação de lotes caso seja eleita. Ela respondeu positivamente.

A tucana foi além, ao afirmar que pretende criar uma cesta básica de material de construção para os agraciados com o lote.

Maria Abadia disse que irá priorizar os pioneiros, redefinir a política habitacional do DF, resgatar a Shis e criar financiamento para a construção da casa própria no BRB. Adiantou que irá implantar o projeto “Moradia para todos”.

SAÚDE

Ideu Araújo, do Prona, respondeu à pergunta que o indagava sobre como pretende recuperar o sistema de saúde pública no DF. Segundo o candidato, ele irá criar minihospitais em todos os assentamentos. “Com atendimento médico básico”.

Também prometeu construir uma maternidade para atender às popu-

lações de Samambaia, Ceilândia, Santa Maria e Gama.

CULTURA

Uma pergunta sobre política cultural para o DF foi sorteada para Cristovam Buarque. O candidato do PT declarou que Brasília já tem os recursos necessários para a cultura e o esporte do ponto de vista físico. “Basta recuperar os espaços”, disse.

Cristovam também afirmou que pretende criar escolas de artes cênicas, visuais e gráficas fora do Plano Piloto.

TRANSPORTE

O candidato Valmir Campelo, do PP, respondeu à pergunta sobre como ficará o sistema de transporte do DF com a inauguração do Metrô de Brasília.

O candidato respondeu que realizará concorrências públicas para novas linhas nas cidades-satélites.

Essa medida, na opinião de Valmir, vai melhorar o sistema, visto que novas empresas vão entrar no processo de concorrência, o que ele acredita irá baixar o preço das passagens.

IMPARCIALIDADE

Ideu Araújo lembrou que “para a imprensa ser livre, tem que ser imparcial”, e prometeu resgatar a ordem com o respeito à lei.

Cristovam Buarque destacou que “para esta pergunta, todos dão a mesma resposta”, e lembrou que o eleitor deve conhecer os verdadeiros interesses do candidato para avaliar se ele realmente defenderá a liberdade de informação.

“Nosso objetivo é abrir o governo”, afirmou Cristovam. Ele disse que seu governo não precisará de quatro meses, mas de 60 dias, para criar o Conselho de Comunicação.

Valmir Campelo prometeu instalar o Conselho, abrir o governo e garantiu: “Não há o que esconder.”

TAPAS E PONTAPÉS

PM aparta briga de torcidas

Embora o clima do debate entre os candidatos ao Palácio do Buriti tenha sido morno, o mesmo não aconteceu com as torcidas organizadas que se instalaram em frente ao Centro de Convenções Ulysses Guimarães.

Houve briga entre as torcidas de Valmir Campelo, da Frente Progressista, e de Cristovam Buarque, da Frente Brasília Popular.

Logo após o começo do debate, iniciado às 21h30, militantes dos dois grupos opostos se atacam, trocando socos e pontapés.

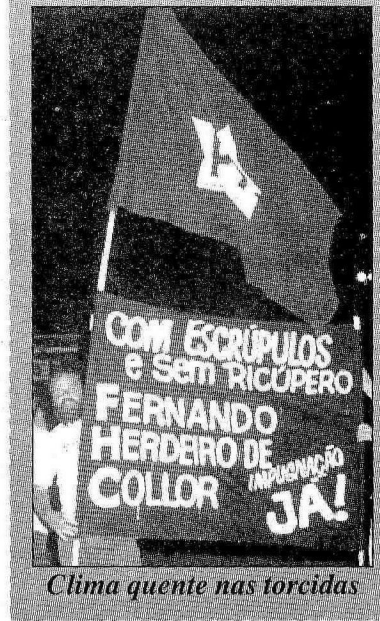
A briga exigiu a intervenção dos policiais militares que faziam a segurança do local. Segundo o tenente Pedro Ferreira, responsável pelo policiamento no Centro de Convenções, nenhuma prisão chegou a ser efetuada.

Separação - A polícia, no entanto, foi obrigada a separar as duas torcidas, as únicas que permaneceram no local após o início do debate.

Um outro incidente com as duas torcidas chegou a ser registrado quando os dois candidatos nem mesmo haviam chegado ao Centro de Convenções.

Integrantes da torcida de Valmir Campelo tentaram cercar o carro de som do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro), que chegava ao local e fazia propaganda política de Cristovam Buarque.

O clima ficou tenso durante todo o tempo, com as torcidas entoando ofensas mútuas e ataques aos candidatos opostos.



Clima quente nas torcidas

Valmir desafiado por Cristovam

Os candidatos ao governo do Distrito Federal que participaram do debate “Rumo ao GDF” mostraram-se satisfeitos com o programa. O único a fazer ressalvas foi o candidato da Frente Brasília Popular, professor Cristovam Buarque.

Durante o debate, o candidato do PT desafiou Valmir Campelo, da Frente Progressista, a abrir as contas do Metrô de Brasília para a população. Valmir, no entanto, esquivou-se.

No entendimento do candidato da Frente Progressista, as contas do Governo local já são controladas pelo Tribunal de Contas do DF.

Crítica — O candidato do PT criticou ainda a postura de Campelo quando diz acreditar que terá dinheiro para dar continuidade ao trabalho de Joaquim Roriz no Palácio do Buriti. “Um candidato não pode basear um programa de governo no ‘acredito que’. Tem de dizer quanto custa, de onde vai tirar o dinheiro”, opina Buarque.

“Ele chega a plagiar o João Alves, se dizendo abençoado e que Deus vai lhe dar dinheiro. É brincadeira”, diz Cristovam. Para o candidato do PT, se o desafio foi recusado, “é porque algo precisa ser escondido”.

O candidato Valmir Campelo não quis conversar com a imprensa após o debate, limitando-se apenas a classificar como bom o nível do debate. “Iniciativas como esta são muito produtivas”, declarou, ao recusar fazer maiores comentários. Campelo deixou o Centro de Convenções em companhia de seus assessores, minutos após o término do debate.

Crítica - A candidata Maria de Lourdes Abadia, da Frente Brasília de Mãos Dadas, também gostou do debate. No entanto, aproveitou a oportunidade para criticar o possível desligamento de Joaquim Roriz do Governo do DF para se dedicar exclusivamente à candidatura de Valmir Campelo.

Para a candidata do PSDB, o povo de Brasília vai saber cobrar isso de Joaquim Roriz, que, segundo ela, não foi eleito para abandonar o cargo. “Ele deveria deixar os candidatos concorrerem livremente”, diz ela.

Cristovam Buarque também criticou a posição do governador. Para ele, a atitude de Roriz demonstra que “eles estão apavorados. Porque o quadro está definido e sabem que no segundo turno estarão o Roriz e o PT. Digo Roriz porque é a máquina do seu governo contra o PT”.

Nos bastidores, muita cordialidade

O primeiro candidato a chegar ao Auditório Alvorada, no Centro de Convenções, foi o coronel João Ferreira, do PSC. O coronel chegou às 20h25, acompanhado de dois assessores.

Somente quando já passava das 21h os outros candidatos chegaram ao Auditório Planalto. A segunda foi a deputada Maria de Lourdes Abadia, do PSDB. Ela chegou às 21h08, também acompanhada de assessores.

Os candidatos Paulo Timm, do PDT, e Ideu Araújo, do Prona, chegaram em seguida. Se cumprimentaram no salão de entrada do auditório, onde também trocaram as últimas informações com os assessores antes do início do debate.

O alvoroço aconteceu mesmo com a chegada de Cristovam Buarque, da Frente Brasília Popular, e de Valmir Campelo, da Frente Progressista. Os dois chegaram praticamente na mesma hora (por volta de 21h10), o que foi suficiente para acirrar os ânimos das respectivas torcidas, que estavam do lado de fora do Centro de Convenções.

Cordialidade — Os dois candi-

datos, que estão na dianteira das pesquisas de opinião no DF, se cumprimentaram no salão de entrada do Auditório Alvorada. Os cumprimentos restringiram-se a apertos de mão e tapinhas nas costas. Nada mais.

O candidato Valmir Campelo ficou pouco tempo no salão e tratou logo de subir para o palco do debate. Ideu Araújo foi o primeiro a tomar assento no balcão dos candidatos.

Conversas — Os intervalos de dois minutos entre os sete blocos do debate, destinados aos comerciais da emissora, eram aproveitados pelos candidatos para rápidas conversas com os assessores presentes.

Ao final do debate, com mais de três horas, a maioria dos candidatos tratou logo de se retirar. As exceções foram Cristovam Buarque e Maria Abadia, que ainda ficaram conversando com os jornalistas.

Antes de retirar-se do Auditório Alvorada, Cristovam Buarque fez questão de cumprimentar todos os garçons. Depois, foi encontrar-se com um grupo de militantes do PT que àquela hora ainda não havia arreado o pé do Centro de Convenções.

ÚLTIMO BLOCO

Relógio aborta único confronto

No último bloco, reservado às despedidas, ocorreu o único confronto entre os candidatos, abortado pelo relógio.

O apresentador Luiz Recena cortou o som do microfone de Cristovam e encerrou o debate quando o petista reclamava direito de resposta a ataque feito por Valmir Campelo.

As regras do debate, estabelecidas previamente pela Radiobrás, diretoria do Sindicato e representantes dos candidatos, não admitiam réplicas.

PROVOCAÇÃO

Cristovam, penúltimo a falar, propôs a Valmir Campelo que solicitasse ao governador Joaquim Roriz que abrisse as contas do Metrô, “para que depois nós sejamos obrigados a fazer o mesmo”.

Valmir acusou o candidato petista de “não saber o que é orçamento”, nem ter conhecimento das atribui-

ções dos tribunais de contas.

Valmir também criticou a prefeitura petista de Goiânia, “onde os funcionários estão em greve e um médico tem salário de R\$ 90,00”.

João Ferreira fez um protesto contra o veto a seu programa político, retirado do ar por determinação do Tribunal Regional Eleitoral, e afirmou que “os corruptos são mais fortes”.

REAL

Timm aproveitou para “alertar o povo” de que “o Plano Real vai desvincular a aposentadoria do salário mínimo” e pediu aos mais velhos que “contem a história das lutas do povo brasileiro aos mais jovens”.

Maria Abadia afirmou que acredita no Plano Real e disse que possui “luz própria”. Garantiu que tem “muita coragem” e disse confiar que se tornará “a primeira mulher no País a governar uma unidade da Federação”.

SEXTO BLOCO

Todos defendem imprensa livre

O presidente do Sindicato dos Jornalistas do DF, Francisco Sant’Anna, perguntou aos candidatos, no sexto bloco, qual seria a política do novo governo para a área da comunicação social.

Ele quis saber também se os candidatos se disporiam a criar em quatro meses o Conselho de Comunicação, conforme previsto na Lei Orgânica do DF.

Os candidatos aproveitaram a pergunta para fazer discursos sobre a democracia, a liberdade de imprensa e o direito à informação.

João Ferreira prometeu cumprir o que determina a Lei Orgânica e a Constituição, que prevê o livre acesso à informação, e prometeu não permitir que a máquina do governo seja usada a serviço de gru-

pos empresariais.

DOMINAÇÃO

Paulo Timm observou que a ação do poder econômico sobre os meios de comunicação representa uma mudança dos mecanismos de dominação, e respondeu afirmativamente ao jornalista.

“Fui uma das batalhadoras pela democratização dos meios de comunicação” disse Maria Abadia. Ela criticou a imprensa pela “manipulação de dados” referentes às carreatas realizadas pelos candidatos.

Segundo ela, os jornais divulgaram um número de carros inferior ao real, nas carreatas da oposição, e superior ao real, na carreata de Valmir Campelo.